

"O Anjo", de Aleksánder Púchkin

O Anjo

Curvado e meigo, fulgurava
O anjo na porta celestial.
Atro e rebelde, o demo voava
Acima do abismo infernal.

Deteve o olhar sobre a alma pura
A alma do talvez e do não,
E o ardor primeiro de ternura,
Sem o querer, sentiu então.

"Desculpa, disse, eu te avistava,
E teu fulgor fazia bem:
No céu, nem tudo ira me dava;
Na terra, nem tudo desdém."

(trad. José Casado, Puchkin – Poesias Escolhidas, RJ: Nova Fronteira, 1992)

O Anjo

(Aleksandr S. Púchkin)

Um anjo, frágil e delicado
Brilhava, tímido, no céu
Quando um sombrio demônio alado
Do sorvedouro apareceu.

Ao contemplar a alma pura
A alma dúbia percebeu
O ardor eterno da ternura;
Então, confusa, compreendeu:

Perdão! – pediu – quando te olhava
Brilhaste a mim e vislumbrei:
Nem tudo a Terra eu odiava.
Nem tudo ao Céu eu desprezei.

(trad. Afonso Teixeira Filho, Cadernos de Literatura em Tradução, n. 02. SP: Humanitas/FFLCH/USP, 1998)

Ангел (А. С. Пушкин)

В дверях эдема ангел нежный
Главой поникшею сиял,
А демон мрачный и мятежный
Над адской бездною летал.

Дух отрицанья, дух сомненья
На духа чистого взирал
И жар невольный умиленья
Впервые смутно познавал.

"Прости, - он рёк, - тебя я видел,
И ты недаром мне сиял:
Не все я в небе ненавидел,
Не все я в мире презирал".
(1827)